

ENTRE PALAVRAS E VIVÊNCIAS: ESCRITA DE IDOSOS NA EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

BETWEEN WORDS AND EXPERIENCES: ELDERLY WRITING IN NON-FORMAL EDUCATION

Gustavo Henrique Julio Ciriaco¹
Fernanda Aparecida Oliveira Rodrigues Silva²

RESUMO: O presente relato tem como objetivo compartilhar a experiência de uma Oficina de Alfabetização e Letramento voltada para idosos, desenvolvida como projeto de extensão no município de Mariana (MG). A oficina, realizada em espaço não formal, buscou, por meio de metodologias pautadas nas palavras geradoras e no respeito aos saberes dos sujeitos, promover processos de apropriação da escrita. O relato utilizou como procedimentos metodológicos a observação participante, a análise de produções escritas e os registros em diário de campo. Os resultados apontam que, mesmo com as limitações estruturais, os participantes apresentaram avanços significativos na construção do sistema alfabético, por meio de metodologias fundamentadas no uso de palavras geradoras, mostrando que ela possui grande potencial de aquisição do sistema de escrita pelas conexões que elas propiciam. A experiência reafirma a importância da educação ao longo da vida, especialmente quando pautada nos princípios da educação popular e da pedagogia freireana.

Palavras-chave: Alfabetização de idosos; Escrita de idosos; Extensão universitária; Palavras geradoras.

ABSTRACT: This experience report aims to share the development of a Literacy Workshop for elderly individuals, carried out as an extension project in the municipality of Mariana (MG), Brazil. The workshop, conducted in a non-formal setting, sought to promote writing appropriation processes through methodologies based on generative words and respect for the participants' existing knowledge. The methodological procedures included participant observation, analysis of written productions, and field diary records. The results indicate that, despite structural limitations, participants showed significant progress in constructing the alphabetic system through methodologies grounded in the use of generative words. These methods proved to have strong potential for facilitating writing acquisition due to the connections they foster. The experience reaffirms the importance of lifelong education, especially when guided by the principles of popular education and Freirean pedagogy.

Keywords: Elderly literacy; Elderly writing; University extension; Generative words.

INTRODUÇÃO

A história da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil é marcada por movimentos sociais, iniciativas estatais descontínuas e constantes tensionamentos entre

¹Gustavo Henrique Julio Ciriaco, Mestre em Educação pela Universidade Federal de Ouro Preto, gustavohjciriaco@gmail.com

²Fernanda Aparecida Oliveira Rodrigues Silva, Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais, com pós-doutorado na Universidade de São Paulo, fernandasilva@ufop.edu.br



concepções pedagógicas emancipadoras e modelos tecnicistas. Desde o surgimento de movimentos como o Movimento de Educação de Base (MEB), o Movimento de Cultura Popular (MCP) e o Centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes (CPC da UNE), na década de 1940, até a implementação de políticas como o Programa Nacional de Alfabetização (PNA) do MEC, em 1961, o Programa MOBRAL, em 1967, e o Ensino Supletivo, em 1971, observa-se uma trajetória de lutas e disputas pela consolidação da EJA como campo educacional e como direito social.

A promulgação da Constituição Federal de 1988 e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9.394/1996 representou um marco importante na consolidação da EJA como modalidade integrante da Educação Básica. No entanto, mesmo com os avanços legais, observa-se que, em diversas localidades, a realidade das práticas pedagógicas destinadas ao público jovem, adulto e idoso não corresponde plenamente ao que está estabelecido na legislação, revelando desafios históricos e estruturais ainda não superados (GALVÃO; SOARES, 2004).

É nesse contexto que se insere o presente relato, resultado do projeto de extensão desenvolvido junto ao curso de Pedagogia da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), no município de Mariana, estado de Minas Gerais, durante os anos de 2019 e 2020. Mariana está localizada a aproximadamente 100 quilômetros da capital, Belo Horizonte, e, segundo dados do Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), possui uma população de 61.387 habitantes, situando-se na região Centro-Sul do estado.

O espaço geográfico marianense, com área de 1.194,20 km², subdivide-se em dez distritos rurais, os quais se desdobram em subdistritos. Dessa forma, a população encontra-se dispersa pelo território, apresentando uma densidade demográfica de 50,12 hab./km² (IBGE, 2017). As localidades são interligadas majoritariamente por estradas de terra, o que limita o fluxo de comunicação entre a sede do município e as áreas rurais.

No que se refere à oferta educacional na modalidade de EJA, Mariana dispõe de três escolas municipais, das quais apenas duas oferecem turmas de EJA nos anos iniciais. Além disso, há sete escolas estaduais que ofertam exclusivamente o Ensino Fundamental e Médio. Contudo, todas essas dez instituições estão concentradas na sede do município e só possuem atendimento no turno noturno. Tal realidade evidencia que o município desconsidera que a distribuição geográfica da população com baixos níveis de escolarização ou em situação de analfabetismo tende, majoritariamente, a se concentrar no meio rural (IRELAND, 2004).

Além da oferta formal de EJA mantida pelas redes municipal e estadual, Mariana conta com uma turma de alfabetização realizada em espaço não formal de educação (GONH, 2006), fruto de uma parceria entre a Universidade Federal de Ouro Preto e a administração municipal. As aulas ocorrem em um centro municipal de convivência social, situado na sede da cidade, vinculado ao programa municipal RecriAvida, desenvolvido pela Secretaria de Desenvolvimento Social e Cidadania. O programa visa contribuir para um processo de envelhecimento ativo, saudável e autônomo, proporcionando vivências que estimulam a autonomia e o protagonismo social dos participantes.

A parceria entre a Universidade e o município consolidou-se na formação da



RELATO DE EXPERIÊNCIA

Oficina de Alfabetização e Letramento, ocorrida no turno vespertino, ação extensionista desenvolvida no período de 2008 a 2023. Tal oficina tinha como objetivos, de um lado, proporcionar aos estudantes do curso de Pedagogia a consolidação de saberes teóricos e práticos no campo da alfabetização; e, de outro, oferecer às pessoas atendidas — em sua maioria idosos — a apropriação do sistema de escrita da língua materna (SILVA, 2020).

Tendo em vista que a capacidade de atendimento, tanto formal quanto não formal do município, está concentrada na sede urbana, este relato apresenta, portanto, um recorte da experiência de alfabetização de idosos na Oficina de Alfabetização e Letramento. A escolha pela oficina se deu, primeiramente, por se diferenciar do atendimento à escolarização de adultos e idosos em um espaço não formal de educação, tendo em vista que a legislação advoga o atendimento da modalidade de educação no ensino formal. Por outro lado, foi também a experiência que serviu como ponto de partida para o desenvolvimento da pesquisa de mestrado, defendida em 2024³, em que se realizou parte da mesma análise presente neste relato, porém, sob a ótica da educação formal de ensino.

Compreende-se que a experiência vivenciada na oficina contribui significativamente para a compreensão das práticas pedagógicas voltadas ao público adulto e idoso, além de promover a disseminação científica sobre metodologias de ensino fundamentadas nas dimensões sociais e culturais dos sujeitos envolvidos.

A seguir, será apresentado um recorte da experiência desenvolvida na Oficina de Alfabetização e Letramento, com ênfase no espaço físico e nos sujeitos participantes, nas práticas metodológicas, nos desafios enfrentados e nos resultados obtidos do processo de alfabetização de idosos.

SITUANDO O ESPAÇO E PERFIL DOS PARTICIPANTES

As aulas da Oficina de Alfabetização e Letramento ocorriam em um espaço compartilhado com a Oficina de Teatro, cedido pelo programa municipal. Tratava-se de uma sala de aula adaptada, equipada com um quadro branco de pequenas dimensões, uma mesa grande destinada aos alunos da universidade — que atuavam como ministrantes das oficinas —, além de mesas e cadeiras organizadas para os alunos da turma de alfabetização.

O ambiente era bem arejado, contando com duas janelas que se estendiam de ponta a ponta em uma das paredes laterais. Na parede oposta ao quadro, havia armários utilizados principalmente para o armazenamento de roupas, calçados e materiais da Oficina de Teatro, que acontecia em horários distintos. A professora responsável pela Oficina de Teatro disponibilizou, em um desses armários, um pequeno espaço para guardar os materiais específicos da Oficina de Alfabetização, como livros, jogos, cadernos e outros recursos pedagógicos.

As atividades da Oficina de Alfabetização aconteciam três vezes por semana, com carga horária média variando entre 90 e 120 minutos por encontro. Por se tratar de um projeto de extensão vinculado à UFOP, voltado para o público idoso, a participação dos

³ Dissertação intitulada “Tentei fazer, mas ‘garrei’(sic). Vou fazer essa não”: apropriação do sistema de escrita alfabética na educação de adultos, defendida em 2024 pelo Programa de Pós-graduação em Educação da UFOP.



RELATO DE EXPERIÊNCIA

alunos ocorria de forma voluntária e flexível. Segundo relatório do projeto de extensão encaminhado à Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) da UFOP, durante o ano de 2019, foram matriculados onze alunos idosos. As oficinas eram conduzidas pelos/as bolsistas-mediadores às segundas, quartas e sextas-feiras, e o número de participantes oscilava entre nove e onze alunos, sendo raro os casos em que houvesse menos de nove presentes em cada encontro.

Todos os participantes da oficina, naquele momento, eram residentes do município de Mariana, sendo majoritariamente moradores de bairros periféricos ou de distritos próximos. Os que moravam em distritos se deslocavam até a sede do município, geralmente pela manhã, retornando ao final do dia. A faixa etária do grupo variava entre 60 e 81 anos, quase todos aposentados e com baixa escolaridade. Os participantes buscavam, por meio da oficina, realizar projetos de vida pessoais, que incluíam desde a socialização com seus pares, passando pelo início ou pela continuidade de processos de escolarização, até a concretização do desejo de aprender a ler e escrever. Esse perfil caracteriza-os como sujeitos das camadas populares, conforme análise de Carrillo (2013), uma fração social que possui menor acesso às oportunidades e a recursos.

Durante todo o ano de 2019 e início de 2020 — período anterior à decretação do isolamento social em decorrência da pandemia de COVID-19 —, os onze alunos idosos participavam regularmente das oficinas. Por se tratar de uma turma heterogênea e multisseriada, cada sujeito apresentava seu próprio ritmo de aprendizagem, tempo de permanência e frequência nas atividades. Esse aspecto é evidenciado pelo fato de haver alunos que frequentavam a oficina há cerca de quatro anos, enquanto outros haviam ingressado mais recentemente, com aproximadamente seis meses.

TRABALHANDO COM IDOSOS: OS ESCRITOS

Quando se fala sobre metodologias de aprendizagem da língua escrita para os sujeitos da EJA, Leôncio Soares (2008) afirma que as formas de aprendizagem e as fases de aquisição ocorrem de forma similar, porém não idêntica, aos processos que as crianças desenvolvem em sua escolarização, ou seja, em estágios (FERREIRO; TEBEROSKY, 1986; SOARES, 2018).

No contexto da EJA, esses processos têm ocorrido de forma transposta da infância, de modo que a capacitação efetiva dos professores, específica para o público da EJA, ainda está pouco concretizada (ARROYO, 2006). O que se observa é o reaproveitamento das metodologias da Educação Básica comum aplicadas a essa modalidade (SOARES, 2008).

Estudos de Oliveira (1999; 2004) apontam que a aprendizagem é um processo inato a todo sujeito, mas que ocorre de formas diferentes em cada um, dependendo de variáveis, como o meio cultural em que ele está inserido, as suas relações subjetivas com o mundo e a disponibilidade de contato com a escrita (KALMAN, 2004). Além disso, Oliveira (2004) ressalta que, quando se trata de adultos e idosos, os processos de aquisição ocorrem em condições mais lentas em comparação a crianças e jovens. Trata-se de um processo ao longo de toda a vida, em que os modos de internalização do conhecimento podem ocorrer por diferentes meios, conforme a subjetividade de cada pessoa. Entende-

RELATO DE EXPERIÊNCIA

se por educação ao longo da vida o que é defendido por Ireland (2019, p. 50), como “[...] um processo que nos acompanha ao longo e ao largo de toda a vida: em todas as idades e em todas as fases e funções da vida”.

Nesse sentido, Leal, Albuquerque e Moraes (2010), ao abordarem a aprendizagem da língua escrita, destacam que o processo de aquisição não ocorre por osmose. Quanto mais imersos os indivíduos estiverem na cultura da língua ou nas culturas do escrito (GALVÃO, 2004) mais formas e modelos para compreender as metodologias sobre o funcionamento da língua escrita serão construídos. Esse contato, entretanto, não permite que os sujeitos compreendam automaticamente o funcionamento da escrita, uma vez que Ferreiro e Teberosky (1986) ressaltam que ela é uma convenção histórica e social, aprendida ao longo do tempo e não inata desde o nascimento.

Concorda-se com Vera Barreto (2006) quando destaca que os saberes aprendidos fora do ambiente escolar não deveriam ser excluídos pelas instituições de ensino, sejam elas formais ou não. Tais saberes, que permeiam toda a trajetória de vida do sujeito, não podem ser deslocados de sua cultura e história.

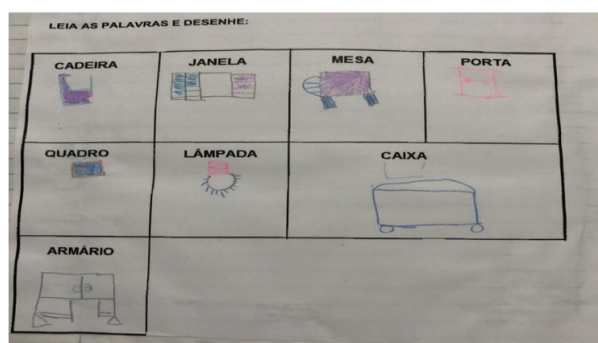
Diante disso, foi com base nessas premissas que foram aplicados e analisados os trabalhos e materiais escritos, produzidos pelos alunos da Oficina de Alfabetização e Letramento. Busca-se compreender como ocorreu a apropriação da escrita pelos sujeitos.

O escrito na Educação de Idosos do RecriAvida: relato de uma experiência

No início de cada período letivo da Oficina, eram desenvolvidas atividades diagnósticas, utilizando materiais didáticos que permitissem compreender o ponto de partida de cada aluno. Com o objetivo de ambientar cada um à sala de aula, realizou-se uma atividade de reconhecimento das palavras ao seu objeto, promovendo o contato e a assimilação dos equipamentos e seus respectivos nomes, presentes no espaço físico em que estavam inseridos.

A atividade inicial consistiu na identificação, por meio de representações imagéticas associadas às palavras correspondentes, dos objetos e móveis disponíveis na sala de aula. Buscou-se verificar não apenas a familiaridade dos alunos com tais itens, mas também se conseguiam estabelecer a relação entre as imagens e os seus respectivos nomes, articulando palavra e forma.

Figura 1. Atividade de reconhecimento.



Fonte: Acervo dos autores (2019).

Os resultados da atividade mostraram que os nove alunos participantes conseguiram correlacionar os nomes aos objetos, demonstrando familiaridade com os principais elementos do ambiente escolar. Além disso, as conversas espontâneas durante a execução da tarefa, registradas no caderno de campo, revelaram que todos/as os/as participantes frequentaram, em algum momento, o sistema formal de ensino. Isso ficou evidente nos relatos sobre experiências escolares anteriores, evocadas a partir dos objetos trabalhados na atividade.

Tal proposta também permitiu compreender como os idosos constroem suas representações imagéticas a partir da leitura ou escuta de uma palavra. Segundo Montoya (2005), a manifestação dos conhecimentos ocorre por meio da evocação simbólica, estruturada em imagens mentais que são acionadas com base nas experiências acumuladas ao longo da vida. Assim, por exemplo, ao se pronunciar a palavra cadeira, buscou-se compreender qual modelo de cadeira fazia parte do repertório sociocultural do estudante — se era semelhante a um banco, uma poltrona ou outro móvel que, em seu universo, recebia a mesma denominação.

A compreensão dessas representações foi fundamental no início do processo, pois ofereceu suporte para a construção de novos conhecimentos a serem trabalhados no decorrer das aulas. Montoya (2005, p. 49) reforça que a representação imagética ou imagem mental “[...] serve de base para as acomodações futuras, a partir de pré-conceitos; assim [...] a contribuição da imagem mental é essencial, mas enquanto simples significante que se reporta a acomodações anteriores”. Isso significa que as imagens mentais desempenham papel central na aquisição do conhecimento, pois sustentam o desenvolvimento do pensamento e a assimilação de novos saberes a partir de informações pré-existentes.

Com base na primeira atividade, as aulas subsequentes mantiveram a lógica metodológica, centrada na relação palavra-objeto, com ênfase crescente no processo de ensino da escrita alfabética.

Como exemplo, em uma das atividades iniciais, foi apresentado aos alunos o objeto apontador de lápis. Após uma discussão coletiva sobre sua utilidade, características e formas de uso, o objeto foi fixado no quadro branco com o auxílio de fita adesiva, de modo a permanecer visível a todos. Em seguida, solicitou-se que os alunos registrassem, em seus cadernos, o nome do objeto.

Tabela 1. Escrita da palavra APONTADOR.

Aluno ⁴	Forma de escrita
Guilherme	ATPD
Ruth	APISTADAS
Aldo	ACOTANDO

⁴ Neste relato, os alunos estão identificados com nomes fictícios a fim de preservar suas identidades.

Silvia

APAUTADOR

Fonte: Elaboração própria amparada na produção dos alunos. Acervo dos autores (2019).

A partir da Tabela 1, é possível formular hipóteses iniciais acerca dos níveis ou estágios de escrita (FERREIRO; TEBEROSKY, 1986; SOARES, 2018) de cada aluno, considerando a representação individual de uma mesma palavra.

Tendo como referência a palavra “APONTADOR”, as atividades subsequentes foram desenvolvidas com foco na sua fragmentação silábica (A-PON-TA-DOR), com o objetivo de possibilitar a formação de novas palavras. Nesse sentido, além das sílabas que compõem a palavra geradora, foram disponibilizadas unidades silábicas impressas e recortadas, correspondentes à “família” fonêmica da palavra, permitindo que os próprios alunos manipulassem e combinassem esses elementos para construir outras.

Essa metodologia se alinha ao que propõe Paulo Freire (1989), ao defender que o processo de alfabetização deve partir de palavras geradoras, que façam sentido dentro do universo cultural e social dos sujeitos, sendo elementos fundamentais para o desenvolvimento da consciência crítica e da autonomia no uso da linguagem.

Ressalta-se que, além das sílabas provenientes da palavra geradora, incluiu-se a vogal “A”, uma vez que, por sua natureza, não constitui uma “família” fonêmica, mas exerce papel fundamental na composição de novas estruturas linguísticas.

A Figura 2 apresenta o esquema que ilustra a forma como as sílabas foram distribuídas na atividade:

Figura 2. Disposição silábica.

A - PON - TA - DOR

A

PAN - PEN - PIN - PON - PUN

TA - TE - TI - TO - TU

DAR - DER - DIR - DOR - DUR

Fonte: Elaboração dos autores (2019).

Na atividade, foram formadas novas palavras a partir da disposição silábica e a vogal, como penta, pente, ponta, aponta, dora, ponte, dor, entre algumas outras.

Figura 3. Registro dos alunos em sala formando novas palavras.



Fonte: Acervo dos autores (2019).

Ao longo do ano, novas palavras foram sendo introduzidas gradualmente na metodologia, com o objetivo de ampliar o repertório vocabular dos estudantes e favorecer a formação de novas palavras.

O trabalho com palavras geradoras, selecionadas pelos próprios bolsistas mediadores, foi se intensificando progressivamente. Inicialmente, era escolhida uma palavra geradora, vinculada ao cotidiano dos alunos ou aos objetos presentes no ambiente da sala de aula, para a formação de outras palavras. Na sequência, essas palavras passaram a ser inseridas em contextos, ampliando-se gradualmente para a construção de frases e, posteriormente, de pequenos textos, na medida em que se buscava elevar o nível de complexidade e favorecer a apropriação da escrita em diferentes gêneros textuais.

Embora se tratasse de uma oficina de alfabetização realizada em um espaço não formal de educação, o cronograma de atividades acompanhava o calendário da Secretaria Municipal de Educação, considerando que muitos dos idosos se ausentavam das oficinas durante o período de férias escolares para cuidar de seus netos. Apesar do recesso de um mês ocorrido após o encerramento do primeiro semestre, as atividades da Oficina de Alfabetização foram retomadas normalmente no mês de agosto.

Ao final desse processo, tornou-se possível observar uma evolução significativa no desenvolvimento dos níveis de escrita alfabética pelos alunos, evidenciada na sistematização das produções apresentadas na Tabela 2, referente aos alunos Aldo, Guilherme e Ruth, que estiveram presentes em sala e que realizaram a atividade:

Tabela 2. Sistematização de escritas produzidas no dia 09 de dezembro de 2019.

	Aluno/a		
	Aldo	Guilherme	Ruth
Palavra	Forma de escrita	Forma de escrita	Forma de escrita
ABACAXI	ABACXI	ABACAXI	ABACAXI
ABACATE	BACATE	ABACATE	ABACATE

RELATO DE EXPERIÊNCIA

AMORA	AMORA	ANORA	AMORA
BANANA	BANANA	PANANA	BANANA
JABUTICABA	JABUTIABA	JABUAIHABA	JABUTICABA

Fonte: Elaboração própria amparada na produção dos alunos. Acervo dos autores (2019).

Diante do exposto, é possível afirmar que o desenvolvimento das atividades na Oficina de Alfabetização e Letramento, especialmente com a utilização de palavras geradoras, demonstrou resultados significativos no processo de aquisição da escrita pelos sujeitos idosos participantes. As práticas pedagógicas, fundamentadas em pressupostos da educação libertadora de Paulo Freire, mostraram-se eficazes ao considerar os saberes prévios, as vivências e a cultura dos estudantes como elementos centrais para a construção do conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente relato de experiência buscou apresentar as práticas desenvolvidas na Oficina de Alfabetização e Letramento, ofertada em um espaço não formal no município de Mariana (MG), como uma ação extensionista da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). A partir das atividades realizadas com foco na utilização de palavras geradoras, foi possível observar que, mesmo diante dos desafios estruturais, metodológicos e sociais, os sujeitos idosos participantes demonstraram avanços significativos no processo de apropriação da escrita.

Os dados apresentados evidenciam que as metodologias fundamentadas no uso de palavras geradoras possuem grande potencial de aquisição do sistema de escrita pelas conexões que elas propiciam, sendo um método relevante no trabalho com a EJA. Ademais, o respeito aos saberes prévios e o vínculo com o universo sociocultural dos educandos, tal como defendido por Paulo Freire, são fundamentais para promover não apenas a alfabetização, mas também o fortalecimento da autoestima, da autonomia e da cidadania dos sujeitos.

Além disso, o relato reafirma a importância da extensão universitária como espaço formativo, tanto para os alunos da graduação, que vivenciam práticas pedagógicas socialmente comprometidas, quanto para os sujeitos atendidos, que encontram na educação uma oportunidade de ressignificar suas trajetórias. Por fim, destaca-se a urgência de políticas públicas que reconheçam e ampliem as ofertas educativas para jovens, adultos e idosos, especialmente nos territórios historicamente marginalizados, garantindo, de fato, o direito à educação ao longo da vida.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. Formar educadoras e educadores de jovens e adultos. *In*: SOARES, Leôncio (Org.). **Formação de educadores de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, SECAD-MEC/UNESCO, 2006. p. 17-32.

BARRETO, Vera. **Letramento e alfabetização**: as muitas facetas. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 15 jun. 2025.

BRASIL. **Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Ministério da Educação. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 15 jun. 2025.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Tradução de Diana Myriam Lichtenstein *et al.* Porto Alegre: Artes Médicas, 1986. 284p.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: três artigos que se completam. 23ª ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. 49p.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira.; SOARES, Leôncio José Gomes. História da alfabetização de adultos no Brasil. In: ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correa de; LEAL, Telma Ferraz (Orgs.). **Alfabetização de jovens e adultos em uma perspectiva de letramento**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 27-58.

GOHN, Maria da Glória. Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, 2006. p. 27-38.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em: 15 jun. 2025.

IRELAND, Timothy Denis. Escolarização de trabalhadores: aprendendo as ferramentas básicas para a luta cotidiana. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; PAIVA, Jane (Orgs.). **Educação de Jovens e Adultos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. p. 55-70.

IRELAND, Timothy Denis. Educação ao longo da vida: aprendendo a viver melhor. **Sisyphus – Journal of Education**, v. 7, n. 2, 2019. p. 48-64.

KALMAN, Judith. O acesso à cultura escrita: a participação social e a apropriação de conhecimentos em eventos cotidianos de leitura e escrita. In: OLIVEIRA, Inês. PAIVA, Jane (Orgs.). **Educação de Jovens e Adultos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. p. 71-100.

LEAL, Telma Ferraz; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; MORAIS, Arthur Gomes de. **Alfabetizar Letrando na EJA – Fundamentos Teóricos e Propostas Didáticas**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

MONTOYA, Adrian Oscar Dongo. **Piaget**: imagem mental e construção do conhecimento. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

OLIVEIRA, Marta Kohl. Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. In: Reunião Anual da ANPED. 22, 1999, Caxambu: **Anais da Anped**. Caxambu: Unicamp, 1999.

OLIVEIRA, Marta Kohl. Ciclos de vida: algumas questões sobre a psicologia do adulto. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 2, 2004. p. 211-229.

SOARES, Leôncio. O educador de jovens e adultos e sua formação. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 47, 2008. p. 83-100.

SOARES, Magda. **Alfabetização**: a questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2018.

UFOP. Universidade Federal de Ouro Preto. Pró-Reitoria de Extensão. **Relatório da atividade extensionista**: Oficina de Alfabetização e Letramento. Mimeo, 2019, 12p.